

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI—Número 1.658
Terça-feira, 22 de Abril de 1924
PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Cambre, 38-A, 2.º—Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-G
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 115 e 113

DE COIMBRA

O II Congresso Metalúrgico

Inauguraram-se anteontem os trabalhos—Saudações aos presos por questões sociais—Protestos contra as perseguições da reacção burguesa—Procura-se dar á organização uma estrutura em harmonia com as necessidades da classe

COIMBRA, 20.—Como não podia deixar de ser, a realização nesta cidade do II.º Congresso Nacional Metalúrgico conseguiu atrair um pouco a atenção das classes trabalhadoras tendo estas feito uma regular comparecência aos debates do congresso e mostrando interesse pela discussão dos diversos assuntos debatidos, seguindo o seu debate com os desejos de conhecer.

O congresso iniciou os seus trabalhos pelas 14 horas, presidindo a comissão organizadora, Francisco Viana da mesma comissão das saudações de boas vindas aos congressistas, metalúrgicos e trabalhadores de Coimbra, enviando saudações à C. G. T., na pessoa de Silva Campos, seu secretário geral e delegado ao congresso. Saída também todos os presos por questões sociais a ferro da república e dia esperar que desta reunião da família trabalhadora metalúrgica alguma coisa de bom saia, porque assim é preciso, tanto mais que neste momento todas as classes trabalhadoras estão com os olhos fixos no nosso congresso em defesa dos metalúrgicos, contribuindo para o fortalecimento da Central do proletariado da região portuguesa.

Silva Campos, em nome da C. G. T., saudando o congresso, diz que para se demonstrar o desejo que alimentam as classes trabalhadoras, tornando a organização capaz, é necessário que os trabalhadores deem à organização todo o seu esforço, completando assim o seu trabalho, trazendo até ao congresso pela sua C. G. T., a saudação de toda a massa organizada, de toda a família trabalhadora que espera deste congresso trabalhos que contribuam pelo seu alcance para a emancipação dos trabalhadores.

Mário Lebre do Sindicato Metalúrgico de Coimbra, saúda também o congresso, e manifesta, em breves mas claras palavras, quanto se sente satisfeito por receber o sindicato de Coimbra em seu seio todos os metalúrgicos do país.

Protestos e Saudações

Segue-se Artur Cardoso do Sindicato U. M. de Lisboa, que depois de saudar o congresso e os presos por questões sociais, envia para a mesa uma proposta do teor seguinte:

1.º—Proponho que se envie um telegrama aos presos por questões sociais dando-lhes as saudações em nome dos congressistas metalúrgicos.

2.º—Que se envie um telegrama ao presidente da república, em nome do congresso, pedindo a anistia dos mesmos presos.

3.º—Que igual telegrama seja enviado aos representantes de Espanha em Portugal, pedindo o indulto de Juan Acher e "El Poeta" condenado a morte pelo ditador espanhol.

Rodrigues dos Santos, aproveita a ocasião para comentar violentamente o proceder do governo dos Sovietes e propõe que o protesto a aprovar seja extensivo até ao governo ditatorial russo que atacou a revolução operária levada a efeito no mesmo país.

Saúl de Sousa, manda para a mesa também uma proposta que diz: «Que seja enviado um telegrama ao representante da Argentina em nome da classe metalúrgica portuguesa, reunida em congresso, protestando contra a condenação a morte de 3 operários daquela nacionalidade e reclamando o seu imediato indulto e libertação».

Depois de algumas considerações, envia a seguinte proposta:

«Verificando-se que a burguesia nacional e internacional vem há tempos perseguindo dum forma feroz e anti-humana, a classe produtora ao ponto de cortar-lhes o direito à vida; os metalúrgicos da região portuguesa reunidos no seu Congresso Nacional de Indústria, resolvem instar com a C. G. T., do sentido de a mesma iniciar desde já um movimento nacional de protesto no sentido de terminar com tais crimes».

Artur Cardoso voltando novamente a falar refere-se às insidias contidas em «O Comunistas», verbendo indignadamente o proceder daqueles que mentrosamente dizem desejar a revolução.

Todos estes documentos foram aprovados em globo, num protesto vibrante ao congresso, condenando toda a reacção burguesa mundial, fazendo votos pela libertação da humanidade.

Em nome do Comité Metalúrgico do Norte, Santos Vizeu, associa-se com inteira satisfação a todas as saudações feitas e protestos aprovados, interpretando assim o sentir de todos os metalúrgicos do norte e dizendo que os mesmos não trazem ao congresso só os desejos do engrandecimento da organização. Faz ardentemente votos porque este congresso saia trabalhos práticos e em breve a emancipação dos trabalhadores seja um facto, unindo-se inteiramente todos os metalúrgicos e restantes classes produtoras.

Associa-se também a todas as manifestações do Congresso Zacarias de Pinho do Sindicato de Almada e Jacinto Rufino do S. Unico Metalúrgico de Lisboa, desejando que o Congresso emerja, apreciando todos os trabalhos, o que o mais possível beneficie para a organização.

Uma saudação à "A Batalha"

João da Silva do S. U. M. de Lisboa fez diversas considerações sobre

a organização metalúrgica, dizendo que ela não é muito nova, nem só se começou desenvolvendo após a guerra, como muita gente supõe, pois que tem mais de 40 anos de organização. Em seguida apresentou uma saudação ao jornal «A Batalha», que foi aprovada com um aditamento de Mendes Gomes.

Seguem-se Saúl de Sousa do Sindicato do Sindicato de Faro que ao Congresso dá as saudações dos sindicatos que representam, esperando que do II Congresso Metalúrgico a organização saia mais forte.

A comissão revisora de mandatos

Em seguida procede-se à verificação dos sindicatos representados que são: Lisboa, Porto, Coimbra, Faro, Peniche, Almada, Vieira de Leiria, Portimão, Vila Real e Ferroviários do Sul e Norte e C. P.

Procede-se à leitura das credenciais e verifica-se também estar presente o comité metalúrgico do Norte, comissão organizadora do Congresso e o secretário geral da C. G. T. Em seguida procede-se à nomeação da comissão revisora de mandatos que ficou constituída por:

António Rodrigues dos Santos, do Comité M. do Norte; Joaquim da Silva, do Sindicato U. de Lisboa; e Mário da Costa Lebre, do Sindicato de Coimbra.

Foi depois encerrada a sessão por espaço de 45 minutos.

O parecer da comissão revisora de mandatos

Aberta novamente a sessão, a comissão revisora de mandatos lê o seu parecer que admite ao Congresso com voto deliberativo os respectivos sindicatos de Lisboa, Porto, Coimbra, Faro, Vieira de Leiria, Peniche, Almada, Portimão e Vila Real; e com voto consultivo, o Comité Metalúrgico do Norte, Comissão Organizadora e Ferroviários do S. S. e C. P.

Saúl de Sousa, do Sindicato M. do Porto, e Sarracão, dos Ferroviários da C. P., fazem algumas perguntas referentes à não representação no Congresso dos sindicatos de Aljustrel, Viana, Póvoa e Braga, tendo a comissão organizadora dado explicações que satisfizeram.

É lido o expediente que consta de um telegrama do operário do Arsenal do Exército e um ofício do jornal «O Trabalhador do Comércio» no qual acredita seu delegado ao Congresso, João Vieira Alves, redactor principal, que irá levar de viva voz as saudações dos empregados no comércio organizados e identificados com a estrutura sindicalista revolucionária.

Francisco Viana, da comissão organizadora, faz algumas considerações sobre este camarada e o correspondente de «A Batalha», trabalhadores do comércio escorraçados do seu sindicato de Coimbra por serem revolucionários, e o Congresso manifesta-se porque João Vieira Alves possa usar da palavra.

Diz sentir imenso neste momento não ser metalúrgico, pois queria como eles neste Congresso dar o seu esforço em prol da organização. Assim, em palavras cheias de alma e revolucionarismo, augura ao Congresso uma época que marque a evolução pela emancipação integral da humanidade.

Discute-se o regulamento do Congresso

Em seguida entra-se na discussão do Regulamento do Congresso, tendo-se essa discussão mantido serena até ao momento em que Saúl de Sousa, do Sindicato M. do Porto, introduziu uma modificação à conclusão 3 do artigo 4.º.

Rufino, do Sindicato U. M. de Lisboa, referindo-se à modificação de Saúl de Sousa, começa fazendo-lhe um ataque cerrado porque se pretende discutir um trabalho pertencido pelo S. Metalúrgico do Porto, trabalho pertencido do sindicato de Lisboa.

Historia e argumenta, defendendo a seu modo de ver o assunto, dizendo que em nome do Sindicato que representa, protestava contra a tese em questão.

Saúl de Sousa do Sindicato Metalúrgico do Porto insurge-se pela forma como são tratados os assuntos, pois que abusando de frases se está insultando o seu sindicato, e ele, como delegado não admite insultos.

Santos Vizeu faz algumas declarações interessantes pois pretende justificar como a tese «Organização Metalúrgica» chegou ao Porto e foi perseguida pelo S. U. M., e o direito que a qualquer assiste de fazer do seu trabalho o que entender, porque apenas do seu esforço é.

Artur Cardoso e Joaquim da Silva, alargam-se em considerações pesadas sobre o procedimento de Gonçalves Vidal, relator da tese, e como ele, abusando, foi entregar a outrem um trabalho que não lhe pertencia mas ao sindicato de Lisboa.

Sobre este assunto, que apaixonadamente interessa ao Congresso, especialmente os sindicatos de Lisboa e Porto estabeleceram-se questões imensas. Fa-

lam Zacarias de Pinho delegado do sindicato de Almada; Quirino Moreira do Sindicato de Faro; Santos Vizeu do Comité do Norte; Rainha do Sindicato do Porto; Rufino, Joaquim da Silva e Artur Cardoso do Sindicato de Lisboa.

E' rejeitada a admissão da tese do Porto

J. Rufino, para bem definir a sua posição no Congresso diz que não pode discutir e aprovar a tese apresentada pelo Sindicato do Porto que é «Organização Sindical Metalúrgica», que além desse trabalho ser pertença do seu sindicato ele o não podia consentir, porque de tudo o que já citara, tem a acrescentar que a assembleia geral a reprovou.

Neste momento Quirino Moreira pretende estabelecer uma plataforma temporizadora o que não consegue. Joaquim de Sousa e Lúcio Costa estabelecem vivo diálogo acirrando-se de momento a momento o incidente.

Francisco Viana, da comissão organizadora, faz diversas considerações sobre o procedimento do Sindicato do Porto, e de Gonçalves Vidal, não conseguindo apresentar uma conciliação para as partes desvendadas.

Vai proceder-se à votação da emenda de Daniel de Sousa.

João da Silva faz declarações, dizendo abandonar, como delegado, a discussão do trabalho reprovado no seu sindicato, cumprindo assim o seu dever.

Saúl de Sousa e Santos Vizeu, do Sindicato do Porto e do Comité do Norte, não tendo talvez compreendido bem as acalorações feitas pelos delegados de Lisboa, comentam o seu procedimento por julgarem querer esses delegados abandonar o Congresso.

A emenda é rejeitada: a tese do Sindicato do Porto, portanto, não era admitida ao Congresso, fazendo estes delegados uma declaração de voto.

Tudo parecia portanto serenado, indo-se entrar na discussão do restante do regulamento.

Devido ao prolongamento da sessão e já ser tarde, foi a mesma encerrada às 20 horas.

Continua a discussão na segunda sessão

São 22 horas, chegam os primeiros congressistas, notando-se que os delegados do norte não estão presentes. Zacarias Pinho do Sindicato de Almada, num rasgo de simpatia, desdeseja de que o Congresso se realizasse para bem dos metalúrgicos procura, falando com os delegados de Lisboa, arranjar uma plataforma conciliatória.

Jacinto Rufino refere-se ao incidente passado declarando em complemento da proposta do delegado do Sindicato de Almada, Zacarias Pinho, que aceita, embora tenha de sugar-se ao resultado do que a assembleia do seu sindicato resolve, a plataforma apresentada, para que a unidade sindical ameaçada, não sofra mais do que até aqui.

Neste momento, entende Silva Campos secretário geral da C. G. T., que ao Congresso deve dizer alguma coisa, porque é preciso que todos mais uma vez e compreendendo a necessidade do trabalho a realizar, se unam nesse esforço grande que é preciso realizar, levando assim as classes trabalhadoras à sua emancipação. Salienta que é necessário que todos saibam conduzir-se por forma a não haver desinteligências nem que se manifestem tendências baírristas, porque os trabalhadores nem sequer fronteiras admitem.

Faz um estudo psicológico sobre regiões e militantes e diz que é preciso que todos saibam compreender-se, visto que se torna absolutamente necessário manter a unidade sindical, tanto mais que todos os militantes, tem obrigações morais a satisfazer as classes produtoras e organizações.

Neste momento é com satisfação dos delegados presentes que se constata que os delegados do Sindicato Metalúrgico do Porto e do Comité Metalúrgico do Norte, voltam ao Congresso, desfazendo-se a má impressão existente devido à sua ausência prolongada.

Assim, Saúl de Sousa lê no Congresso uma longa declaração, onde declararam abandonar o Congresso, por não ter sido sequer aceite no Congresso a tese que o sindicato que representam perseguiu. Outro tanto faz o Comité do Norte que declara que assim que seja lido o relatório do mesmo Comité abandonará o Congresso.

O procedimento dos delegados do Norte é bastante estranhado falando sobre o assunto Lúcio Costa, Rufino e outros.

Mário Lebre do Sindicato de Coimbra envia para a mesa uma declaração em que protesta pela forma como o Sindicato do Porto se conduz, pois assim a continuar está protelando o bom andamento do Congresso.

Os delegados chegam a um acordo

Rainha e Saúl de Sousa respondem a Mário Lebre, manifestando-se um pequeno incidente que é solucionado.

Francisco Viana, mais uma vez abandonando a presidência da mesa para fazer uso da palavra, comentando asperamente

Prosseguem com entusiasmo, na cidade de Coimbra, os trabalhos do II Congresso Nacional Metalúrgico

UM CALUNIADOR!

Amor de Melo

A moral do biltre que nos acusa

Sem uma única prova, sem a apresentação de qualquer documento, voltou o dentista Amor de Melo a afirmar numa carta publicada na *Imprensa Nova*, que a redacção de *A Batalha* estava vendida. E desta vez nem sequer disse a quem. Vê-se apenas nas palavras daquele cavalheiro o propósito torpe de deixar o público, que tem a ingenuidade de ler a impressão de que esta redacção é composta por indivíduos de moral duvidosa. Lê-se claramente nas palavras do biltre o intuito de lançar sobre nós as suspeitas do povo.

Se Amor de Melo fosse um homem de escrúpulos, teria primeiro o cuidado de não fazer afirmações públicas, sem possuir na sua mão provas documentais e irrefutáveis; depois em face das respostas que lhe demos, chamando-lhe pulha, procurar-nos ia para nos esbofetear. Um homem digno perante um insulto merecido—só tem um caminho a seguir: a violência, visto que as palavras que damos são inúteis e impotentes para uma desforra capaz.

Mas o Amor de Melo não teve coragem de nos procurar, porque bem sabe que não tem brios a defender. Limita-se por isso, como os burros toimosos, sob as vergastadas do dono, a puxar sempre para o mesmo lado—chamando-nos vendido: Alouhoun-nos de arrieiros. Sim, somos arrieiros—arrieiros dignos que sovam uma besta que esqueceia.

Não sai o animal daquele caminho cómodo. Fecha os ouvidos às razões poderosas que provaram a falsidade das suas razões infames. Pedimos-lhe documentos—o ele fica-se a berrar: vendido!

Terá autoridade moral para nos atacar a nós—que ainda não damos uma única prova pública de desonestidade—um homem que, quando dentista, quiz por várias vezes atentar contra o pundonor das suas clientes, algumas delas casadas?

Terá autoridade moral para morder na nossa honra um homem cujas provas de coerência política se limitam à passagem ignóbil da monarquia—porque ele foi monárquico até mesmo durante a vigência da república—para o partido radical, que não sabemos porque motivo o suporta ainda?

O sr. Amor de Melo é isto que atrás fica dito, o que junto ao facto de fazer contra nós acusações que não prova, nos leva à conclusão a que já havíamos chegado sobre ele: é um pulha.

Um caso revoltante

que dá lugar a um lindo gesto de humanitarismo

Ontem, um modestíssimo carro fúnebre conduziu ao cemitério da Ajuda o cadáver de um recluso da cadeia de Monsanto, para ser enterrado na vala comum. O camarada António Pádua, que fora acompanhar um funeral, sensibilizado e revoltado com o impressionante abandono a que votavam o desgraçado que ia a enterrar, abriu uma subscrição entre os circunstantes e com o seu produto pagou o enterro em coval separado, o que importou em 12\$15, sendo o remanescente, uns 3\$00, entregue ao administrador do cemitério para ser aplicado em identicas circunstâncias.

O que mais revoltou o citado camarada foi verificar que o cadáver se encontrava em avançado estado de putrefacção, apresentando os pés nus e contorcidos e servindo-lhe de almofada uma serapielheira suja. Dois operários que trabalhavam no cemitério relataram-lhe então que tem ali aparecido cadáveres de reclusos carcomidos pelos ratos.

O desgraçado de ontem chamava-se António da Costa e ficou sepultado no coval n.º 429.

A gripe em Inglaterra

LONDRES, 21.—A epidemia da gripe continua causando muitas vítimas na região de Lancashire. Há muitas famílias cujos membros se encontram todos atacados daquela enfermidade, a qual posto que se apresenta geralmente com carácter benigno, tem, contudo, causado vários óbitos, principalmente em Leigh e seus arredores.

Ecos da Conferência Inter-Sindical

Tendo havido mais interpretações a propósito da declaração feita pela comissão administrativa da U. S. O., sobre a falta de comparecência à última sessão, por parte do Sindicato dos Marinheiros e Magoes, é necessário esclarecer que aquela declaração se referia à Associação dos Inscrições Marítimos e nos termos seguintes: «Os delegados deste sindicato solicitaram para comunicarmos à Conferência que não tomavam parte na sessão, em virtude de terem que participar da reunião do conselho da respectiva Federação de Indústria, mas que essa falta de comparecência não significava abandono dos trabalhos em discussão.»—A Comissão Administrativa da U. S. O.

Um monumento a ZOLA

PARIS, 21.—Foi inaugurado no dia 15 de Junho próximo o monumento ao grande escritor Emílio Zola. O autor do «Germinal» é representado de pé, tendo aos lados os títulos de Trabalho e de Fecundidade.

Um record da aviação

PARIS, 21.—Um avião correio pilotado pelo aviador Bajac, levando a bordo passageiros e correspondência, realizou a viagem Paris-Londres e regresso em 4 horas.

Revulsivos

(Deu. e of. ao Mário Domingues)

Quem vive? A lei do trabuco, A Calábria e a Paiperra, Com o povo feito eunuco Nos serranias da terra, Deliquescence e cauduco.

Quem vive? A lei do misto forte, Os sem vergonha e carde, Que tem por lema e narrete O dinheiro e a alma morte—E o roubo que lhes dá sorte.

Quem vive? A cega justiça Quem faz perder a sua vida Para a banda da cubita Do comércio e da financa De quem é «scrava submissa.

Quem vive? A desavidação, O crime feito virtude, Quem morre à minguada de pão, De liberdade e saúde? E o povo, a multidão.

As cousas vão assim tortas, Ao sabor das «forças vivas» A quem a lei guarda as portas, E o roubo que lhes dá sorte, Operem as forças mortas.

Um caso revoltante

que dá lugar a um lindo gesto de humanitarismo

Ontem, um modestíssimo carro fúnebre conduziu ao cemitério da Ajuda o cadáver de um recluso da cadeia de Monsanto, para ser enterrado na vala comum. O camarada António Pádua, que fora acompanhar um funeral, sensibilizado e revoltado com o impressionante abandono a que votavam o desgraçado que ia a enterrar, abriu uma subscrição entre os circunstantes e com o seu produto pagou o enterro em coval separado, o que importou em 12\$15, sendo o remanescente, uns 3\$00, entregue ao administrador do cemitério para ser aplicado em identicas circunstâncias.

O que mais revoltou o citado camarada foi verificar que o cadáver se encontrava em avançado estado de putrefacção, apresentando os pés nus e contorcidos e servindo-lhe de almofada uma serapielheira suja. Dois operários que trabalhavam no cemitério relataram-lhe então que tem ali aparecido cadáveres de reclusos carcomidos pelos ratos.

O desgraçado de ontem chamava-se António da Costa e ficou sepultado no coval n.º 429.

A gripe em Inglaterra

LONDRES, 21.—A epidemia da gripe continua causando muitas vítimas na região de Lancashire. Há muitas famílias cujos membros se encontram todos atacados daquela enfermidade, a qual posto que se apresenta geralmente com carácter benigno, tem, contudo, causado vários óbitos, principalmente em Leigh e seus arredores.

Ecos da Conferência Inter-Sindical

Tendo havido mais interpretações a propósito da declaração feita pela comissão administrativa da U. S. O., sobre a falta de comparecência à última sessão, por parte do Sindicato dos Marinheiros e Magoes, é necessário esclarecer que aquela declaração se referia à Associação dos Inscrições Marítimos e nos termos seguintes: «Os delegados deste sindicato solicitaram para comunicarmos à Conferência que não tomavam parte na sessão, em virtude de terem que participar da reunião do conselho da respectiva Federação de Indústria, mas que essa falta de comparecência não significava abandono dos trabalhos em discussão.»—A Comissão Administrativa da U. S. O.

Um monumento a ZOLA

PARIS, 21.—Foi inaugurado no dia 15 de Junho próximo o monumento ao grande escritor Emílio Zola. O autor do «Germinal» é representado de pé, tendo aos lados os títulos de Trabalho e de Fecundidade.

Um record da aviação

PARIS, 21.—Um avião correio pilotado pelo aviador Bajac, levando a bordo passageiros e correspondência, realizou a viagem Paris-Londres e regresso em 4 horas.

Revulsivos

(Deu. e of. ao Mário Domingues)

Quem vive? A lei do trabuco, A Calábria e a Paiperra, Com o povo feito eunuco Nos serranias da terra, Deliquescence e cauduco.

Quem vive? A lei do misto forte, Os sem vergonha e carde, Que tem por lema e narrete O dinheiro e a alma morte—E o roubo que lhes dá sorte.

Quem vive? A cega justiça Quem faz perder a sua vida Para a banda da cubita Do comércio e da financa De quem é «scrava submissa.

Quem vive? A desavidação, O crime feito virtude, Quem morre à minguada de pão, De liberdade e saúde? E o povo, a multidão.

As cousas vão assim tortas, Ao sabor das «forças vivas» A quem a lei guarda as portas, E o roubo que lhes dá sorte, Operem as forças mortas.

Um caso revoltante

que dá lugar a um lindo gesto de humanitarismo

Ontem, um modestíssimo carro fúnebre conduziu ao cemitério da Ajuda o cadáver de um recluso da cadeia de Monsanto, para ser enterrado na vala comum. O camarada António Pádua, que fora acompanhar um funeral, sensibilizado e revoltado com o impressionante abandono a que votavam o desgraçado que ia a enterrar, abriu uma subscrição entre os circunstantes e com o seu produto pagou o enterro em coval separado, o que importou em 12\$15, sendo o remanescente, uns 3\$00, entregue ao administrador do cemitério para ser aplicado em identicas circunstâncias.

O que mais revoltou o citado camarada foi verificar que o cadáver se encontrava em avançado estado de putrefacção, apresentando os pés nus e contorcidos e servindo-lhe de almofada uma serapielheira suja. Dois operários que trabalhavam no cemitério relataram-lhe então que tem ali aparecido cadáveres de reclusos carcomidos pelos ratos.

O desgraçado de ontem chamava-se António da Costa e ficou sepultado no coval n.º 429.

A gripe em Inglaterra

LONDRES, 21.—A epidemia da gripe continua causando muitas vítimas na região de Lancashire. Há muitas famílias cujos membros se encontram todos atacados daquela enfermidade, a qual posto que se apresenta geralmente com carácter benigno, tem, contudo, causado vários óbitos, principalmente em Leigh e seus arredores.

Teatro Nacional

Telefone Norte 3049

HOJE — terça-feira — HOJE

a brilhante peça histórica

O CRIME DE ARRONCHES

Suspensas as entradas de favor

A obra militarista

NA CASA DA RECLUSÃO DE VISEU —

AGRIDEM-SE OS PRESOS BARBARAMENTE

A casa da Reclusão de Viseu, eis um nome que faz tremer e empalidecer os soldados mais animosos pois que se lembram imediatamente das torturas que ali são infligidas aos militares que por terem cometido qualquer falta tem a infelicidade de para ali serem enviados.

Agora mesmo temos ante nossos olhos uma carta de um militar que ali se encontra recluso, e vibramos de indignação ao lê-la e revoltamos-nos contra as monstruosidades que naquele antro se cometem. Por essa carta vemos que os oficiais e sargentos, que ali se encontram, guardando os presos, de homens só tem o nome e a forma — sem outra coisa é de esperar daqueles que desprezando uma profissão útil se dedicam a vida de assassinos.

Há muito tempo já — segundo dizem — que foi abolido no exército o regime da chibata, porém, na Casa da Reclusão de Viseu tal não sucede — apesar de ser uma prisão militar — e tanto assim é que existem ali umas cordas com por qualquer motivo, ainda o mais fútil, são agredidos barbaramente os pobres presos.

Há dias agrediram tão barbaramente um infeliz que até se urinou e borrou. Estas agressões repetem-se por uma forma terrível revelando bem os maus instintos das feras a quem está confiada a guarda de homens.

Distinguem-se pela sua ferocidade — e por tal motivo devem ser condecorados — os tenentes Lourenço e Figueiredo e os sargentos Duarte, Emílio e Moreira. Os outros oficiais e sargentos não são tão piores também não são muito melhores.

Há ainda a frizar que todas as agres-

sões são feitas com conhecimento do comandante que não pode alegar ignorância e é por consequência dotado de tão maus instintos como os seus subordinados.

O que acima de xamos escrito é a condenação formal do regime militarista e que há muito devia ter sido extinto. E' o militarismo não só o maior cancro da sociedade presente como o maior obstáculo para o triunfo completo e definitivo da Emancipação dos Trabalhadores.

Para a sua extinção deve convergir a atenção de todos quantos anseiam por uma sociedade melhor. Tem, de há tempo para cá, diminuído de intensidade a propaganda anti-militarista e tal não devia suceder, pois que devemos aumentá-la de tal forma que os trabalhadores se convencam que é a farda o seu maior inimigo e que depois de a terem envergado nada mais são do que simples manequins manjados por outros manequins às ordens do capitalismo explorador.

E' para os sindicalistas e anarquistas que no neste momento em que está a breve uma nova incorporação militar — apelo no sentido de congregarem e desenvolverem uma activa e inteligente acção anti-militarista pois que assim contribuirá com eficácia para a «cabeleceira» desta infame sociedade e para que muitas mães não derramem lágrima de dor, por verem que lhes arrastam os filhos para fazerem deles ou uns assassinos ou uns desgraçados.

Que o nosso brado seja unânime e altisonante:

Abaixo o militarismo! — Manuel Vi-

gas Corraçal

Vida Sindical

U. S. O.

Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão Administrativa.

COMUNICAÇÕES

Tanqueiros. — Reúniu ontem a classe em sessão magna, para o que foi total a paralisação do trabalho nas oficinas da indústria.

Sobre a questão do horário, foi resolvido que a entrada na oficina seja às 8 horas e a saída às 17.

Depois de apreciado, deliberou-se que o regulamento da Caixa de Solidariedade baixasse a uma comissão de estudo com plenos poderes para o pôr em prática.

Havendo padrões que opõem dificuldades à entrada do cobrador nas oficinas, ficou a direcção encarregada de se avisar com aqueles para que tal facto não continuasse a verificar-se. Por último resolveu-se que os operários da casa Lisboense retirassem as suas ferramentas e a direcção do sindicato tome conta do caso, para evitar-se que haja quem vá para ali trabalhar sem que o antigo pessoal seja atendido e indemnizado dos seus prejuízos.

Operários alfaiates. — Reúniu a direcção, que resolveu agregar a si Alfredo Martins, em substituição de Raúl Lopes, que nunca compareceu a exercer o cargo para que foi nomeado.

Este assunto será presente à próxima assembleia geral.

Foi aprovado o balanço do primeiro trimestre do corrente ano, resolvendo-se afixá-lo na sede; este balanço acusa um saldo para Abril de 127832 e 4.

A Caixa de Solidariedade tem de fundos 833958.8. Sobre a população associativa foi resolvido oficiar-se a U. S. O.

Empregados de escritório. — Em reunião de Direcção, tratou-se de vários assuntos de carácter interno e resolveu-se comemorar o próximo dia 1.º de Maio com uma sessão solene para a qual vão ser convidados diversos oradores em destaque no meio social.

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal. — Reúne hoje, às 20 horas, a comissão nomeada em última reunião do conselho central para se ocupar dos trabalhos da conferência dos secretários gerais das federações.

Federação da C. Civil. — Conselho federal. — São convidados todos os delegados deste conselho a reunir-se hoje, pelas 21 horas.

S. U. da C. Civil. — Convida-se a reunir hoje, pelas 21 horas, a comissão revisora de contas ultimamente eleita a fim dar início aos seus trabalhos.

Canteiros e polidores de mármore. — E' novamente convocada a reunir hoje, às 17 horas, a comissão revisora de contas para assim liquidar as contas do ano transacto.

Sociedade Profissional dos Pintores. — Convida-se a reunir hoje, sem falta, a comissão revisora de contas.

Federação Mobiliária. — Comissão administrativa. — A fim de tomar conhecimento dos trabalhos realizados e a realizar para serem presentes à próxima conferência dos secretários gerais, reúne hoje, às 21 horas, com a presença de todos os componentes.

S. U. Mobiliário. — Comissão Administrativa. — Convida-se a comparecer hoje, na sede, pelas 21 horas, os cobradores ao domicílio e oficinas, a fim de levarem a cobrança pró-Operário do Mobiliário.

Manufactureiros de calçado. — Reúne amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º, apreciar uma circular sobre a vida do Labor Proletário; 2.º, crise de trabalho; 3.º, situação económica da classe; 4.º, relatório da Comissão Administrativa transacta.

Tanqueiros. — Amanhã, às 19 horas volta esta classe a reunir em assembleia magna.

Condutores de carroças. — Por falta de número, não reuniu a assembleia geral anunciada para ontem, ficando transferida para quinta-feira, às 21 horas. Como o assunto é de grande importância, devem comparecer sócios e não sócios.

Cocheiros e anexos. — Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral, para tratar de assuntos do máximo interesse para a classe.

Impressores tipográficos. — Reúne hoje, às 21 horas a direcção deste sindicato.

A comissão pró-bandeira reúne hoje à mesma hora.

Fragateiros. — Reúne a assembleia geral, pelas 20 horas, para tratar de assuntos de importância.

Corticeiros de Lisboa. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 18 horas, para apreciar a proposta dada pelos industriais à Federação e apreciar também o horário de trabalho.

Operários do Município. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa para assunto urgente.

Reúne hoje às 21 horas, a comissão de melhoramentos, a fim de apreciar os trabalhos ultimados.

MATERIAL ELÉCTRICO — SIMÕES CARMO, Ltd., 12 — Largo S. Domingos — 13

A Conferência anglo-russa — AMSTERDAM, 21. — Um jornal desta cidade diz, que, segundo informações fidedignas que lhe foram fornecidas, é positivo que se as negociações anglo-russas chegaram a bom termo, se celebrará brevemente uma conferência entre os delegados dos Sovietes e os representantes da França e dos Estados Unidos, a fim de discutir a questão do restabelecimento das relações comerciais entre a Rússia e os outros países europeus.

Universidades, Academias e Escolas — Centro Escolar Republicano dr. Magalhães Lima. — A direcção desta colectividade, tendo resolvido imprimir um novo impulso aos seus trabalhos, depois da transformação da sua sede escolar, que ficará sendo a primeira de Lisboa, realiza amanhã, às 21 horas, um acto de confraternização.

Coliseu dos Recreios

HOJE — A's 21.15 (9 1/4 da noite)

Última representação da opereta de grande sucesso

de FRANZ LEHAR

A Dança das Libélulas

Grande companhia italiana de ópera e opereta

Deslumbrantes efeitos de luz

Música lindíssima

Surpreendente cenário e guarda-roupa

Amanhã: Estreia em Portugal da linda opereta do maestro italiano PARMA

A LENDA DAS CEREJAS

Festa que acaba mal

Um gazómetro de acetilene que explode

causa bastantes feridos

No domingo de Páscoa, em Sarilhos Grandes, concelho de Aldegaleta do Ribatejo, efectuou-se uma festa, onde após uma sessão foi inaugurado na Academia Musical União e Trabalho o retrato do ex-regente da filarmónica da terra, Manuel dos Santos Lata. Em frente da referida Academia, que fica situada na Avenida 5 de Outubro, existe já há alguns anos um coreto fixo, onde a filarmónica, composta de 28 músicos sob a regência de Cipriano António dos Santos, ex-músico da Armada, resolveu tocar algumas peças abalando assim a festa.

A certa altura, quando no local se encontravam alguns milhares de pessoas, deu-se uma explosão no gazómetro de acetilene, que iluminava o referido coreto e da qual resultou ficaram feridos todos os músicos, a excepção de Manuel Rodrigues Perpétua, que por felicidade saiu incólume do desastre. Dos feridos, foi conduzido para Lisboa, visto estar mais gravemente ferido no rosto e mãos, o contra-baixo José Gonçalves da Silva Cruz, o alfaite, residente em Aldegaleta.

Também ficou com uma perna fracturada o regente da filarmónica, o qual depois de devidamente tratado recolheu a sua casa. O desastre, que causou imenso pânico na assistência e danificou por completo o coreto, deve-se à incompetência da pessoa ou pessoas que carregaram o gazómetro. Os médicos que socorreram os feridos foram os Drs. Drs. Joaquim Paiva Navarro e César Ventura.

Associação do Registo Civil — A Direcção desta colectividade, que tem ultimamente recebido muitos protestos contra projectadas proibições rigorosas em várias localidades, como Bueiros, Alfaias, Azambuja, Borja, Chamusca, etc., algumas das quais têm sido proibidas por estarem incursas no artigo 57.º da lei da separação, procurou ontem novamente o ministro do Interior, pedindo providências contra a que se queria realizar hoje em Portimão, a qual, a realizar-se, seria motivo de graves conflitos.

Aquêle ministro afirmou que os seus subordinados cumpririam a lei.

Os que morrem — Em Linda-a-Velha faleceu ontem o prestimoso camarada, fabricante de calçado, Gonçalo Pereira Pedroso, filho do operário da Construção Civil, Durand Pereira Pedroso, antigo contínuo da Casa Sindical, da rua dos Barcos.

O extinto, pelo seu carácter impulsivo, mereceu sempre as simpatias de todos com quem convivia. O seu funeral efectuou-se hoje às 17 horas, saindo do prelo da sua residência, bico do Gonçalo, Linda-a-Velha, para o cemitério de Carnaxide.

A Comissão Administrativa do Sindicato dos Manufactureiros de Calçado, associando-se a esta manifestação de sentimento, convida os camaradas manufactureiros, que o possam fazer, a encorpar-se no funeral.

Os desmorroneamentos — Comissão Organizadora dos bandos precatórios

Reúne depois de amanhã, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Ferroviário, devendo comparecer todos os delegados, visto serem de importância os assuntos a tratar.

Para resolver a crise das habitações — A Comissão Municipal do Partido Republicano Radical, a fim de poder dar cumprimento cabal ao exposto na moção aprovada na última reunião das comissões políticas partidárias, roga às mesmas que procedam a um inquérito rigoroso, na área da sua freguesia acerca das casas que se encontram desabitadas ou são utilizadas para tavernas, prostituição, armazéns de assemblageiros ou quaisquer fins suspeitos. Estas indicações devem ser dadas no mais curto espaço de tempo possível.

Defendam-se — O DEPÓSITO DA COVILHÃ continua a vender excelentes fazendas de lã por preços baratíssimos directamente da fábrica.

VELUDOS LÃ — 25\$00, 35\$00, 40\$00 cada metro!

TEM ALFAIATES — Rossio, 93, 2.º (Não tem loja)

Telefone 4670 N.º — Ascensor

Retalhos — Cobertores de lã

Filial no Porto

Rua de Santa Catarina, 299

VIDA ANARQUISTA — Grupo «Humanidade Livre»

Reúne hoje, pelas 21 horas,

APOLO

Telefone N. 4129

HOJE, às 9 3/4 da noite

LAURA COSTA

em A pastilha universal, A menina do periquito e a Boguinhas

Infatigável sucesso

da graciosa e deslumbrante revista

FRUTO PROIBIDO

representada integralmente e com o novo quadro

"Salon" Belas Artes

Enormíssimo êxito da

Companhia OTELO DE CARVALHO

SEXTA-FEIRA — Festa artística de ELISA SANTOS

NOVIDADES E ATRACÇÕES

TEATROS & CINEMAS

Teatro Nacional

«O crime de Arronches» de H. Lopes de Mendonça

«O crime de Arronches» é uma peça histórica. Não se assuste o leitor a quem a revelação é feita. Nós damos-lhe razão. Não está já no nosso feito o drama histórico, mormente com a orientação puramente descritiva e o intuito patriótico que os autores lhe tem marcado, sem uma lógica finalística, sem uma sanção moral, sem um laivo de modernização mental, ou de profilia social. Por outro lado Henrique Lopes de Mendonça tem no seu activo dramático um abastecimento de peças dum género em que, sem se deixar de afirmar o valor do construtor teatral e do escritor veruaculo, se reconhece a simples preocupação de pôr de pé certos factos históricos que a crónica tem favorecido através das suas páginas. Henrique Lopes de Mendonça a cujos méritos de dramaturgo não podemos deixar de prestar homenagem, arripou caminho, agora que a sua obra está feita e que os anos nos dariam a impressão de que já seria tardiamente. A rigidez, por vezes árida, que transparece dos seus processos de le-tralhar a história portuguesa, abrangendo um tanto de agri-fante, tanto no que lhe respeita ilativamente, como no que lhe toca sob o ponto de vista de lapidação estilística. Baseado num dos seus contos do livro «Sangue português» adaptou o assunto à cena, e diga-se com prazer, esse transporte foi realizado com uma fidelidade invulgar e de tal forma que a amoldação teatral revigora vantajosamente as qualidades que a narração acusava já na origem.

Lopes de Mendonça, cujo sentido patriótico foi ao extremo de dar a letra a Portuguesa, que sendo hoje um bino republicano, serviu aos próprios republicanos para ferir o predomínio inglês exacerbado no ultimatum, e que aos caudilhos da democracia conditória serviu há poucos anos para justificar a entrada de Portugal na grande guerra de 1913 (l) ao lado da ambiciosa Albion. Lopes de Mendonça, jámos dizendo, queitou um tanto o sentimento de amor pátrio, e deu-nos agora «O crime de Arronches» que não se libertando aliás de orientações de origem, enveredou por uma escolha menos vinculada de patriotismo, chegando até algumas das suas personagens a aproximar-se moralmente, do viver popular com todas as suas qualidades.

Agradam-nos devesas que tenhamos que chegar a esta simpática conclusão.

Quanto ao desempenho ocupam os primeiros lugares Ester Leão e Rafael Marques. A actriz de merecimento que já hoje esta hesitante Ester Durval, a cujo debut assistimos no antigo Teatro D. Amélia, deu ao seu interessante papel, um bellissimo relevo, marcando com acerto todas as inflexões, numa palavra, representando bem todas as cenas que lhe eram destinadas. Rafael Marques, correctissimo na dicção, sobrio no gesto, exacto na fisionomia, agradou-nos inteiramente. Outro actor que de dia para dia mais nos agrada, é Joaquim de Oliveira, cuja honestidade de processos se acentua cada vez mais. Os outros artistas não desmarcharam o conjunto, como costumam dizer-se, sendo injusta praticada, se não salientassemos o trabalho de Ribeiro Lopes e a diligência de Luis Pinto na substituição de José Ricardo.

Nogueira de Brito

Eden Teatro

Companhia espanhola de declamação Gomez Ferrer — «El currito de la Cruz» de Linares Rivas

Quem foi a primeira representação da companhia espanhola de declamação Gomez Ferrer, não ia convencido de que iria assistir à exibição dum peça, com a impecabilidade que exigiríamos a uma grande companhia. O que principalmente nos atraía era a enumeração das peças que constituem o repertório da companhia e em que figuram obras de vulto do teatro espanhol contemporâneo, hoje ocupando o lugar a que tem direito, nas scenas mais cotadas dos países verdadeiramente civilizados.

O teatro espanhol como a música sinfónica dessa região, tem um carácter acentuadamente regional, que nos permite étnica e literariamente viver a sua vida, os seus costumes, os seus tipos, dumamaneira concisa, o seu ambiente.

Os irmãos Quintero como o músico Granader, Linares Rivas como o compositor Albeniz, Benavente como Manuel Talla ou Julio Gomez, esforçam-se preferentemente em criar no público que os ouve, a atmosfera de sua terra, com todo o seu cachet, com todas as suas características que se manifestam tanto em qualidades como em defeitos.

Se exceptuarmos Joaquim Diente, cujo cunho dramático, principalmente devido à sua orientação, tem uma reatritiz menos nacional (não nacionalista) não andaremos longe da verdade, dizendo que na Espanha os seus músicos e os seus dramaturgos são nas suas produções principalmente espanhóis.

Isso mesmo nos demonstrou a Companhia Gomez Ferrer escolhendo para uma peça de apresentação a obra de costumes andaluzes, de Linares Rivas «El currito de la Cruz».

O dramaturgo trata esta peça em seguras pinceladas em que a cor local

São Carlos

— Telefone N. 3063 —

HOJE — A's 21,30 horas

Penúltima representação

Irreogável de

A Rajada

Magistral criação de LUCILIA SIMÕES

Roberto: ERICO BRAGA

Sexteto sob a direcção de René Bohet

Não há locação, a qualquer hora: Camarotes e Frisas, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º boxes, Torrinhas, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º, e Varandas, 2.º, 3.º e 4.º.

EDEN TEATRO

Telefone N. 3800

HOJE, às 21,30 horas

PELA ÚNICA VEZ e em vista do enorme êxito que já obteve, repete a Companhia espanhola dirigida pelo primeiro actor

GOMEZ FERRER

a peça de Linares Rivas

«Currito de la Cruz»

drama em que resulta a figura emocionante de um toureiro famoso, e em que o meio laudavelmente é retratado com a maior fidelidade

Êxito formidável em toda a Espanha

A BATALHA

NA PROVÍNCIA

NOS ARREDORES

Peniche

Os amigos do povo e a carrestia da vida

PENICHE, 19. — A vida aqui está insuportável, pois não se pode de forma nenhuma por mais tempo arrastar com este estado de coisas. Dia a dia mais se verificam os grandes aumentos; géneros há que cada semana sobem 3 e 4 vezes.

A quem pedir providências? Ao actual presidente da câmara? Não, porque é um dos grandes merceiros. Ao administrador do concelho? Também não, porque não há muito tempo que deixou de ser padreiro. Então a quem? Aos trabalhadores que, em vez de andarem a servir de lacaios dos reaccionários devem organizar os seus sindicatos para poderem reagir contra esta cáfila de rapinantes.

Esta stícia de bandidos, depois de estalá chela à custa de quem trabalha, a quem só falta roer os ossos vivos que já nem pele lhe deixaram, estão organizando uma associação para não mais venderem géneros fadados, só o fazendo com dinheiro à vista!

Trabalhadores: sede unidos e tratad a vossa organização para corromper com estes cães de fila e metê-los nas jaulas, para ver se eles socegam mais.

N. B.

FATOS A PRESTAÇÕES

Alfaiataria, R. de S. Paulo, 105-107

VIDA POLITICA

Partido Nacional Africano. — Na sua reunião ordinária desta tarde o Conselho Supremo do Partido Nacional Africano decide por unanimidade:

1.º que nas circunstâncias actuais de luta política em Africa se impõe o estabelecimento de alianças entre todas as fracções africanas e que convém fazer tudo o que for preciso para que todas as alianças rapidamente se conclua.

2.º que porém nenhuma resolução respeitante a essas alianças tem completa validade sem a sanção do Conselho, que é a única entidade competente para lhes dar a necessária autoridade e força executória.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Solidariedade Operária. — Reúne hoje, pelas 21 horas, o corpo scenico para ensaios das festas a realizar em 27 de Abril e 1 de Maio, e a comissão revisora de contas.

«Leira em 2.ª recta de assinatura dará a companhia a peça de Henri Batallio «La Tendresse» última produção do saudoso dramaturgo.

O mobiliário de decorações são gentilmente fornecidas pelo Salão de Antiguidades Limitada, da rua D. Pedro V.

Lucilia Simões representa hoje, pela penúltima vez, em São Carlos, a peça «A Rajada», obra intensamente dramática em que tem um trabalho verdadeiramente magistral.

«Comegam agora, sempre às 21,45, os espectáculos do Apolo, com a revista «Fruto Proibido», na qual a graciosa Laura Costa desempenha três números novos, e ampliado com o quadro novo «Salon Belas Artes».

«A «Greve Geral» está agora definitivamente a dar as suas últimas representações, no Politicam, onde tem obtido um dos maiores sucessos da presente temporada.

«A companhia espanhola Gomez Ferrer, que ontem levou à scena, no Eden, a «Tierra Baja», de Quimera, repete hoje, a pedido, a peça de Linares Rivas «Currito de la Cruz», extralida por ele da novela, com o mesmo título de Alejandro Lugin.

Amanhã, recta de assinatura, representará-se, pela única vez, a peça realista «Santa Isabel de Ceres», que em Espanha provocou grande alarde, dando origem a energias discussões.

No Salão Olimpia, comemoramos com um brillantissimo espectáculo o dia e a noite de ontem, da 15.ª aniversário do artistico Salão; Leopoldo O'Donnell, empreendedor e afilado empresário fez a alegria dos lisboetas exibindo o «filme» «O Mudo» no «Asilo» em que encantador e asombroso o grupo «Jackie Coogan» é o protagonista além de duas outras estreias a «Levião» em que a formosa actriz Molander faz um delicioso papel, e o desenrolar de várias vistas panorâmicas dos Alpes franceses acompanhados por música descritiva.

Hoje repetem-se os mesmos «filmes»

CARTAZ

S. CARLOS — 21,30 — «A Rajada».

NACIONAL — A's 21,30 — «O Crime de Arronches».

S. LUIS — A's 21,30 — «A Tocha».

ROSSIO (A's 21,30) — «Parapluie».

MARIA VITORIA — Não há espectáculo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21,30 — «A Dança das Libélulas».

GIL VICENTE — A's 21 — «A Gaudéria».

OLIMPIA — A's 20,30 — Arimotógrafo.

SALAO FOZ — A's 14,30 e 20,30 — Variedade.

CHIADO TERRASSE — A's 14,30 e 20,30 — Arimotógrafo.

CONDES (Avenida) — Ant. antigas.

CENTRAL (Avenida) — Ant. antigas.

CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Arimotógrafo.

CRÓNICA DO PORTO

COMEMORAÇÃO INFELIZ

Os trabalhadores marítimos de Matosinhos e Leça de Palmeira, ignorando as coisas da terra, incorrem num erro grave

Os trabalhadores marítimos de Matosinhos e Leça de Palmeira resolveram comemorar a revolução de 1.º de Maio com uma festa, anualmente por uma retumbante alvorada e enriquecida por um piedoso bôdo aos filhos dos sócios inválidos ou já falecidos.

Aquela rude classe conhece mais o mistério do mar e a história das vagas, do que os mistérios de terra e a história dos povos. Por assim dizer analfabeta, nunca leu os estoicos episódios das grandes lutas do operariado Yankee, que deram origem àquela data que vai comemorar com foguetório e possivelmente com uma fanfara.

Os trabalhadores marítimos de Matosinhos e Leça desejam imprimir à sua festa o maior cunho de brilhantismo possível. Na sua ignorância pelas questões operárias e sociais, julgam encontrar a almejada importância na colaboração oficial, na festa, do capitão do porto de Leixões e da Câmara Municipal.

É que aqueles humildes trabalhadores desconhecem que o 1.º de Maio é um protesto internacional contra os morticínios de Chicago em 1887, contra a prisão e o enforcamento de oito inteligentes propagandistas do movimento operário americano contra as tiranias do Estado, contra as arbitrariedades da autoridade, contra as explorações estudantis do capitalismo escravizador.

Se os trabalhadores marítimos de Matosinhos e Leça soubessem que o 1.º de Maio representa uma luta cruenta pela conquista das oito horas; uma greve colossal, iluminada pelo fogo da metralhadora da polícia e tingida pelo sangue de centenas de vítimas, em prol de mais um pouco de liberdade e bem estar; uma revolta de escravos contra os senhores, dos humildes contra os poderosos, dos ludibriados contra os exploradores.

Se os trabalhadores marítimos de Matosinhos e Leça compreendessem que o 1.º de Maio traduz a aspiração suprema da felicidade geral, a qual só será possível com a transformação desta

Lisboa na rua

Atropelamento mortal

Ontem, próximo da residência, rua Visconde de Santo Ambrósio, patio n.º 6, porta n.º 7, foi atropelado por um automóvel, o menor de 9 anos, Armindo Gonçalves, natural de Lisboa, que ficou com o crânio fraturado. Conduzido imediatamente ao hospital de São José foi tratado pelo cirurgião de serviço sr. dr. Amândio Pinto e recebeu a Sala de Observações, onde faleceu horas depois. O cadáver recolheu-se a uma localidade do mesmo estabelecimento.

Tentativas de suicídio

Na enfermaria de Santo Onofre, do hospital de São José, deu entrada Antonio Farpela, de 60 anos, residente na rua da Graça, 18, cave, que tentou suicidar-se na residência.

Agressões

Foi pensado no hospital de São José, recolhendo depois a sua casa, Manuel Lopes dos Santos, residente na Porta dos Olivais, onde foi agredido com três facas na cabeça e rosto.

Na enfermaria de São Francisco, do mesmo hospital, deu entrada Manuel Nunes Diogo, natural do Sabugal e residente na Amadora, que ali foi agredido com uma pedra ficando ferido na cabeça.

Quedas desastrosas

Os automóveis das Cruz Vermelhas conduziram ontem ao hospital de São José os seguintes indivíduos que recolheram à Sala de Observações depois de pensados:

Francisco da Conceição Lobo, de 14 anos, natural de Aguiar, Cintra, coadutor que na mesma localidade deu

um rei a quem amo...; é ele robusto por nós à saída desta caverna. E' um chefe robusto e valoroso; está bem armado e acompanhar-nos-há até ao teu barco... Se me enganaste, Riowag matar-te-há... ouves gaulês.

Esta ameaça pouco me assustou; eu tinha as mãos e as pernas livres... A minha única inquietação era de não encontrar Douarnek e o barco.

No fim de alguns instantes tínhamos saído da gruta... As estrelas brilhavam tam vivamente no céu, que fora do bosque, onde nos achávamos ainda, devia avistar-se a alguns passos de distância.

A sacerdotisa parou um momento e chamou:

—Riowag!

—Riowag está aqui, respondeu uma voz tam próxima, que o rei dos guerreiros negros, respondendo ao chamado da sacerdotisa, devia estar muito perto de mim...; todavia, foi debalde que pretendi distinguir a sua forma negra no meio das trevas. Compreendi mais que nunca quanto aqueles guerreiros, confundindo-se com a sombra, deviam ser temíveis nas emboscadas nocturnas.

—E' longe daqui às margens do Reno? perguntei eu a Riowag. Tu deves saber o sitio onde eu desembarquei, porque eras o chefe daqueles que nos dispararam um chuva de flechas.

—Não teremos de caminhar muito para chegar ao sitio onde desembarcaste, respondeu Riowag.

—Ser-nos-há preciso atravessar o acampamento? perguntei-lhe eu vendo a pouca distância a claridade das fogueiras acensas pelos francos.

Os meus dois guias não me responderam, trocaram em voz baixa algumas palavras, cada um deles pegou-me por um braço, e seguimos um caminho que se afastava do acampamento.

Bem depressa ouvi o ruído das águas do Reno. Aproximávamo-nos cada vez mais da margem. Afinal, descobri do alto da ribanceira onde me achava, uma espécie de fencal através da obscuridade da noite... era o rio!

—Agora caminharemos mais duzentos passos, dis-

DESPORTOS

FUTEBOL

Os desafios de domingo

O enorme calor que no domingo fez não obrou a que o campo do Sporting se enchesse, tal era o desejo de assistir aos anunciados desafios de futebol.

No primeiro desafio, entre o Sporting Club de Portugal e o Sporting Club Oitaneense, foi derrotado o Oitaneense por 3-1. Este desafio, pôde-se dizer-lhe em verdade, agradou plenamente, tendo causado sensação o jogo movimentado, de passes curtos, que o Oitaneense desenvolveu, especialmente na primeira parte.

O Sporting não se empregou a fundo, permitindo assim que os algarvios se brilhassem. Na segunda parte mudou a feição do jogo, que se manteve num certo equilíbrio, pois que o Sporting encontrou atacar, engarrafando por vezes o seu rival.

Neste, o ponto fraco foi a sua defesa. O guarda-redes do elemento mais fraco; apenas no fim da segunda parte teve defesas oportunas, algumas das quais foram atribuídas à sorte que o balizava. O médio centro brilhou, como já brilhou no desafio anterior; e, fora de dúvida, o melhor homem no grupo. Nada vimos que nos demonstrasse a excelência do ponta direito, apresentados como o melhor no grupo; poucos centros o mesmo esses atraídos. E' também verdade que tanto no jogo contra os Belesenses como no jogo contra o Sporting, teve do seu lado médios contrários, cuja actuação actual é brilhante.

A opinião geral sobre o Oitaneense é, no entanto, excelente. O desafio seguinte, entre o Celta e o Casa Pia A. C., terminou pela derrota do provável vencedor do campeonato de Lisboa por 4-1. A vitória do grupo galego foi conseguida nos últimos dez minutos, em que foram marcadas as três bolas que elevaram a quatro o número de bolas adquiridas pelos visitantes.

O Celta fez o seu melhor jogo, apresentando-se reforçado com alguns elementos, entre eles Polo, já conhecido em Lisboa; esperávamos porém melhor, em vista dos reclames que a grande imprensa lhe fez. O guarda-redes não é elemento de espantar; Polo não fez o que já naquele campo fizera, quando se exibiu pela primeira vez; o ponta direito, seleccionado para fazer parte do grupo espanhol que irá aos jogos olímpicos, poucos centros fez, e mal. Enfim, sem ser de grande classe, é um grupo regular.

O Casa Pia não jogou mal, embora a diferença de bolas faça presumir o contrário. Aguentou-se bem, tendo fraguejado apenas no fim. Alguns elementos foram nulos. —K.

Desafios particulares

No campo do Hockey Club de Portugal, realizou-se no domingo último um desafio de futebol entre solteiros e casados, de Campo de Ourique, para disputa dum delicioso jantar, cabendo a vitória aos casados por 5 bolas a 2.

Como era de prever, os solteiros ficaram muito sentidos pela derrota sofrida, tendo, porém, retomado a serenidade, em virtude do convite que lhes foi feito, para também compartilharem no jantar.

Não se esqueçam

De que em todo o país só os fabricantes

Donas, da Covilhã

Vendem, directamente ao público, todas as qualidades de fazendas de lã para

Fatos e vestidos

em todos os padrões e cores por preços baratíssimos ao alcance de todas as bolsas.

Depósitos de vendas a retalho:

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

NO PORTO

Rua Fernandes Tomás, 392-A

Trabalhadores: lêde e propagação

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

Sujeito de A Batalha

O 1.º RELATORIO INDUSTRIAL

DO

"Banco Industrial Português"

Um dos mais importantes factores, que podem contribuir para o desenvolvimento das indústrias, é, incontestavelmente, o crédito industrial. Não tem ele merecido as atenções dos poderes públicos, absorvidos de momentâneo interesse; e das instituições bancárias, pouca assistência tem alcançado.

As operações nesta especialidade ressaltam sempre ao crédito hipotecário, desconto de letras e warrants cautionados nas fazendas armazenadas, empréstimos sobre penhores, etc.—velhas formulas.

Ensinam a experiência e a observação que as funções dum estabelecimento de crédito industrial tem que ir mais longe, já e faziam antes da guerra os países mais adiantados e depois dela outros lhe seguiram as pisadas, alargando o âmbito de operações e contribuindo assim, poderosamente, sempre com cauteloso critério, para o inteligente aproveitamento de todas as iniciativas nesta esfera de actividade.

Coube em Portugal esse papel ao Banco Industrial Português.

O crédito industrial, como moderna e inteligentemente deve ser compreendido, não tem por limites quaisquer fundos ou valores depositados pelo industrial, o que seria de rápida constatação, no que respecta a resultados, mas, pelo contrário, abraça uma longa e complicada teia de operações, intimamente ligadas entre si.

A compra de máquinas e utensílios, de matérias primas, a construção e ampliação de armazéns e as variadíssimas transformações industriais, em primeiro plano. Logo a seguir, a assistência financeira nas crises económicas, na acumulação de stocks, rareficação de mercados, o que pode representar importantes e longas immobilizações de capital.

Sendo estas as características do crédito industrial, era dentro delas que o referido Banco teria de operar, e assim se justifica que só agora possa publicar o seu primeiro relatório industrial.

Mas, se os resultados são para nós motivo de júbilo e orgulho, não devemos ocultar que muitos foram os obstáculos a transpor, numerosíssimas as dificuldades a vencer.

Cada um dos casos apresentados comportava um estudo especial e cuidadoso: análise da operação em si, previsão aproximada dos seus resultados e apreciação justa da individualidade de que o propunha.

De facto, neste campo de operações bancárias, o crédito pessoal ocupa um lugar preponderante.

Não se deve de forma alguma abstrair numa proposta a estudar, da pessoa do apresentante. Podem os aspectos económicos e financeiros dessa proposta ser os mais risonhos e excelentes, deixando antever um êxito seguro. O exame consciencioso e minucioso do proponente é indispensável, como indispensável é que ele corresponda aos requisitos do relatório do COMPTOIR NATIONAL D'ESCOMPTES, em 1910: "prestamos o concurso incessante não somente às Empresas de primeira e segunda ordem, mas ainda aos modestos comerciantes e industriais, quando nos sentimos assegurados do seu espírito de prudência, amor ao trabalho e da sua probidade."

Este cuidado, pois, na escolha do co-laborador em determinada empresa exige tanta solicitude e tanta reserva como o próprio negócio em si.

Dai a necessidade dum conhecimento seguro, a todo o momento renovado, dos meios industriais, cujas condições de existência variam constantemente, merecendo as várias contingências a que a indústria está sujeita.

Todas estas considerações mereceram à Direcção do BANCO INDUSTRIAL PORTUGUEZ o maior cuidado, tendo-as sempre presentes, não se afastando delas um ápice.

A nossa acção tem-se exercido principalmente junto da média e pequena indústria. Não pode o BANCO INDUSTRIAL PORTUGUEZ prestar o seu concurso à grande indústria por que, em primeiro lugar, esse papel cabe mais propriamente aos consórcios bancários, que aliás não existem em Portugal; em segundo lugar, porque as suas

ava armada da sua grande faca. Ainda que estivessem ao lado um do outro e perto de mim, podia fugir-lhes...; atirar-me ao rio e salvar-me a nado. De repente, ouvi ao longe o ruído cadenciado dos remos...; o meu grito tinha sido ouvido de Douarnek.

Ao passo que a hora decisiva se aproximava, a angústia de Elwig e do seu companheiro devia aumentar... Matar-me, era para eles a renúncia dos tesouros, que os meus soldados, disseram-lhes eu, não trariam senão à minha ordem; permitir que eles dessembarcassem, era consentir que viessem em meu socorro. Elwig percebeu então, sem dúvida, que a sua cubica selvagem a tinha incitado a ir mais longe do que devia, porque vendo o barco aproximar-se cada vez mais, disse-me com voz alterada:

—A palavra gaulésa é proverbial... Tu deves-me a vida...; ter-me-hás, porventura enganado com uma falsa promessa?

Aquela sacerdotisa do inferno, incestuosa e feroz, que tivera a ideia de me cortar a língua para se assegurar do meu silêncio, e que pensava friamente em juntar o fratricídio aos seus outros crimes, não me tinha salvo a vida senão por um sentimento de raiva coibida; contudo, não pude ficar insensível quando ela me lembrou a lealdade gaulésa; lastimei ter-lhe mentido, ainda que este acto possede ser desculpado pela traição dos francos; mas, neste momento, só devia pensar na minha salvação.

Lancei-me sobre Riowag, e consegui desarmá-lo depois de uma luta violenta, na qual Elwig não ousou intervir com receio de ferir o seu amante... Pon-do-me então na defensiva, com a espada na mão, exclamei:

—Não, eu não tenho tesouro algum para te dar, Elwig; mas se receias voltar para a companhia de teu irmão, segue-me; Vitória tratar-te-há com bondade, tu não serás prisioneiro...; dou-te a minha palavra...; podes fiar-te na palavra gaulésa.

A sacerdotisa e Riowag, sem quererem ouvir-me, começaram a rugir de raiva e precipitaram-se sobre mim com fúria. Nesta luta matei o chefe dos guerreiros negros, que pretendia ferir-me com o seu punhal, e fui ferido no braço por Elwig, a quem arranquei a faca, que lancei ao rio, no momento em que Douarnek e outro soldado, atraídos pelo ruído da luta, corriam para a margem em meu socorro.

—Scanvoch! disse-me Douarnek, nós não nos dirigimos, segundo as tuas ordens, para o acampamento ao pôr de sol; ficámos ancorados, decididos a esperar-te até ao amanhecer; mas pensando que talvez viessem a outro sitio da margem do rio, bordejámos, voltando de vez em quando ao nosso ponto de partida; foi nesta ocasião que ouvimos o teu brado, e, há um instante, o ruído de uma luta; desembarcámos, portanto, para correremos em teu auxílio. Esta manhã, quando te vimos rodeado daqueles diabos negros, o nosso primeiro movimento foi remar para terra e vir-mos morrer ao teu lado...; mas lembrei-me das tuas ordens, e reflecti que morreremos era tirar-te todo o meio de retirada... Finalmente, estás conosco; voltamos para o acampamento. Mã visinhança é esta dos esfoladores.

Quando Douarnek me falava desta forma, Elwig arremessara-se sobre o corpo de Riowag dando urros de fúria e saltando amargurados suspiros. Por mais detestável que fosse aquela criatura, a sua dor sensibilibou-me... Ia dirigir-lhe a palavra, quando Douarnek exclamou:

—Scanvoch, não vez ao longe aqueles archotes? E designou-me, na direcção do campo dos francos, muitas luzes que pareciam aproximar-se com rapidez.

—Deram pela tua fuga, Elwig, disse-lhe eu, procurando arrancá-la de ao pé do corpo do seu amante, a quem estava estreitamente abraçada, e redobrando os gritos e os soluços; teu irmão persegue-te...; não há um momento a perder... Vem! vem!

—Scanvoch, disse-me Douarnek em quanto eu procurava debalde conduzir comigo Elwig, que não respondia senão com soluços; aqueles archotes são os dos guerreiros...; não ouves os seus rugidos?

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros. Trabalhos tipográficos, cartões e livros de escatologia, mapas de escatologia, mapas de descarga de cotas e de matrículas juvenis, etc. Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre aos preços mais baixos do mercado. A grande obra de Victor Hugo, "OS MISERAVEIS", ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 1000, acrescentando ao todo de porte o embaile para a província. Sempre novos artigos e novidades literárias.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 LISBOA

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rodas, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (E' a casa que fornece em melhores condições).

Aos Funileiros e soldadores

SOLDA de estanho, muito fina, solda para maçarico, estanho e chumbo em barra. Todas as soldas são de máxima confiança a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICÇÃO

das melhores marcas - CARLOS A. SANTOS

80, Rua do Arsenal, 80 - Lisboa

CININA

TINTA DE ÁGUA

FABRICO DA COMPANHIA INDUSTRIAL DO NORTE

Agente de venda:

Dias & Pinto Lopes, Lda

75, R. Passos Manuel - Porto

A venda em Lisboa:

João Nunes dos Santos

R. do Mundo, 106

DAVID C. COSTA

— Ourives joalheiro —

Nesta casa se encontra um completo sortido de artigos de ourivesaria e joalheria pelos preços mais económicos.

Aos amigos de "A BATALHA" se lhe concede um "bonus" especial, bastando que, depois da compra realizada, apresentem o jornal, sendo maior o "bonus" para aqueles que proveja ser assinantes.

Há sempre artigos de ouro que se vendem a péso

RUA DA PALMA, 18

Os melhores retratos são os da

Fotografia América

de A. R. Prata

RUA DO REGISTO CIVIL, 6, 1.º

(ao Intendente)

TELEFONE 3029 N.

